

AS MENINAS DE PICASSO

Lucenne Cruz
Bacharel em Artes/Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Artista Plástica

Resumo: Confronto entre *Las meninas* de Velázquez (1656) e *Les ménines* de Picasso (1957), procurando examinar o que as pinturas desses dois artistas espanhóis têm de proximidades e de afastamentos enquanto representações do mesmo tema, embora em tempos e espaços distintos: a leitura das referidas obras plásticas desenha a fisionomia do homem que pensa o mundo pelo consolo da arte, acionando questões históricas, políticas e culturais.

Palavras-chave: Arte; Teoria e história da arte; Diego Velázquez; Pablo Picasso; Representação.

Abstract: Confrontation of *Las meninas* of Velázquez (1656) and *Les ménines* of Picasso (1957), aiming at examining what the paintings of these two spanish artists have in common and their differences as representations of the very same theme, although in distinct times and spaces: the reading of the referenced plastic works draws the fisionomy of a man who thinks of the world through the aid of arts, enabling historical, political and cultural questionings.

Key-words: Arts; Arts Theory and History; Diego Velázquez; Pablo Picasso; Representation.

Em *As meninas* (segundo Velázquez, 17 de Agosto de 1957, óleo sobre tela, 194x260cm, Barcelona, Museu Picasso), o pintor está em frente ao quadro. Ele nos olha como modelo e no preciso instante do encontro. Como no quadro de Velázquez, o pintor se encontra em espaços incompatíveis: no lugar que ele nos observa e num ponto cego, onde não pode ser visto, voltado para a superfície inacessível da tela virada. O que se passa no verso da tela já que só o reverso é visível? O pintor como imagem e o duplo de artista. Não somos mais *voyeurs*. Picasso nos olha. Não podemos espiar a obra sem que o artista nos perceba e sem que ele dê conta que está sendo espionado. *Olhamos um quadro de um pintor que nos contempla*. O que é que se passa ali? A mesma questão traspasa a tela. Nós e ele, investigadores da pintura.

Se o pintor está ainda colocado à esquerda, o cavalete e ele próprio ocupam agora um bom terço e quase toda a altura do quadro. Estão mais evidentes. É o triunfo de uma vontade única: a de Picasso. O artista é mestre do seu mundo, está autorizado a trabalhar nele como entende. A instância do poder régio deixou de ter lugar aqui. O artista pode

dispor dos meios de representação com toda a liberdade. Se Velázquez retratou-se porque queria ser nobre, Picasso enfrenta a tela para formular a idéia de sua própria versão do tema, isto é, a posição específica do artista na sociedade liberal moderna. A realidade é tão e somente decoração. Outro valor é conferido ao artista. O tema para Picasso é a desconstrução da representação que se desdobra nas relações do artista com a sociedade e desta com a arte. Na verdade, esse distanciamento já havia sido imposto ferozmente por Michelangelo ao pintar a Capela Sistina e contrariar o papa Júlio II, e por outros artistas na tentativa de divorciar a arte de qualquer apêndice da sociedade, seja religioso, econômico ou cultural. Mesmo olhando a tradição da pintura, Picasso subverte os papéis e a linearidade do tempo e do espaço como narrativa pictórica. O que ele propõe é não-narração. O desmonte a trama da história da pintura. Destecer.

Velázquez e Picasso se auto-retratam ao mesmo tempo em que levantam uma discussão sobre o lugar da representação. O que é um pintor? O que faz um artista? Picasso nos obriga a olhá-lo como antes Velázquez o fizera. O jogo da representação ora nos coloca como objeto, exterior ao quadro, ora como sujeito das frouxas relações entre o que é real e o que é representado. Infinitas vezes quantas nos colocarmos diante de *As meninas*, dos pintores espanhóis. Estaríamos sendo representados no quadro? Em verdade, trata-se de construir a imagem do artista e desconstruir o mecanismo da representação. Enfim, apresentar.



As meninas, de Picasso